

Terça-feira, 12 de maio de 1987

6 con - Brasil

É preciso estar atento aos sinais de desaceleração

Em sua mais recente sondagem conjuntural da indústria de transformação (a 83ª), realizada em abril, o Centro de Estudos Industriais do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV) confirmou que o setor secundário da economia se encontra em fase de desaceleração. Na sondagem anterior, realizada em janeiro, os pesquisadores da FGV constataram que 45% das empresas consultadas haviam aumentado a produção no último trimestre de 1986. Já nesta, ao contrário, 44% das empresas consultadas declararam ter diminuído a produção no primeiro trimestre do ano em relação ao período anterior.

Também o nível de utilização da capacidade instalada declinou. De 86%, em outubro do ano passado (referente ao terceiro trimestre de 1986), o nível caiu para 84% em janeiro e para 83% em abril. Se na sondagem anterior 51% das empresas consultadas assinalaram a escassez de matérias-primas como o principal fator limitativo da produção, nesta últi-

ma um crescente número de 34% apontou a queda da demanda interna.

As previsões quanto ao futuro imediato, isto é, no caso da sondagem conjuntural da FGV, o segundo trimestre do ano, também não são otimistas: apenas 26% das empresas declararam esperar por um aumento de produção no período, quando em janeiro 36% nutriam tal esperança.

Esses dados merecem ser levados em conta pelas autoridades econômicas. Embora o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, tenha previsto para este ano um crescimento industrial de 3 a 3,5%, parece-nos que a pesquisa da FGV e os acompanhamentos realizados por entidades setoriais da indústria e do comércio começam a revelar uma queda de atividades maior do que a pretendida pelo governo, caracterizando já uma mini-recessão.

E inegável que o desaquecimento do consumo no mercado interno pode servir de freio à atual escalada de preços, assim como ajudar a aumentar os excedentes

de produção destinados à exportação. Sendo a contenção da inflação e a geração de divisas duas metas prioritárias da política econômica neste momento, é até admissível que a diminuição do ritmo de produção industrial seja encarada como um mal necessário, temporariamente.

Todavia, devemos lembrar, como já o fizemos em comentários anteriores, que essa estratégia oferece um grande risco, na medida em que a queda da produção não representa uma garantia de diminuição da inflação. Como se recorda, foi em plena recessão, em 1983, que a inflação mudou de patamar, ao passar de um nível de 100 para mais de 200% ao ano. Naquela época, como agora, a alta dos preços era alimentada não só por um forte componente inercial mas também pela expectativa de futuras altas por parte dos agentes econômicos. A verdadeira febre de remarcações de preços a que temos assistido nas últimas semanas é bem uma demonstração de que o processo inflacionário atual não deriva de pressões

de demanda. Assim, acreditamos, teriam pouca eficácia as medidas de controle ortodoxas, pela via monetária e fiscal, que, entretanto, aumentariam ainda mais a retração econômica, num típico caso de "estagflação".

Na mesma edição em que publicamos os resultados da sondagem conjuntural da FGV, por exemplo, pode-se ler que o saldo das cadernetas de poupança deve ter atingido, ao final do mês passado, C\$ 709 bilhões. Se confirmado, esse montante corresponderá a um crescimento de 116% sobre a posição de dezembro, bastante superior à inflação estimada de 83% no período. Ora, tendo o Sistema Financeiro da Habitação tamanha disponibilidade de recursos, os financiamentos imobiliários continuam semiparalisados, tanto por falta de definições regulamentares do sistema quanto pela retração do mercado — o que ilustra, com perfeição, o atual panorama econômico, em que a propensão a poupar não corresponde à disposição de investir.